



Jackson Buonocore

A síndrome de final de ano

Embora não seja uma categoria clínica, a síndrome de final de ano reflete o impacto afetivo do encerramento de um ciclo. Ela é conhecida como “dezembrite” por aumentar os sentimentos como ansiedade e melancolia.

Em nossa época de capitalismo afetivo, há muita pressão para cumprirmos metas em um tempo limitado e ainda somos compelidos a festejar com parentes, com os quais temos conflitos mal resolvidos.

Essas exigências atuam como um juiz moral interno, que impõe a “obri-

gação de ser feliz”. Assim, podemos ser afetados pela solidão comparativa ao relacionar a nossa própria vida com a falsa felicidade postada nas redes sociais.

Além disso, vivemos a sensação de que a vida está passando rápido demais, revisitando o luto por perdas recentes. É uma desconexão entre o que sentimos e o que a sociedade espera, causando desgaste psíquico.

Mas o fim de ano pode funcionar como um rito de passagem que pede um balanço existencial. Nesse contexto, surge o Kairos, o tempo oportuno de Deus, que propicia uma reflexão honesta sobre a nossa trajetória.

Isso significa parar de lamentar o ciclo que termina e focar no que está sob nosso controle no presente. Desse modo, em vez de mirar em grandes conquistas não alcançadas, conseguimos valorizar as pequenas vitórias.

Portanto, é essencial reconhecer que a tristeza e a frustração são partes legítimas da experiência humana, desconstruindo a ilusão de que as trocas de calendário exigem mudanças mágicas ou a necessidade de fingir ser uma pessoa bem-sucedida.

Promotor de Justiça aposentado
ivar4hartmann@gmail.com

Ivar Hartmann



O Natal do quero-quero

Jesus, de quem comemoramos agora o nascimento, nesta data que une a todos, falou dos homens: “Amai uns aos outros como a ti mesmo”. Falou das crianças: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”. Falou dos pássaros: “Olhem os passarinhos: não se preocupam com o alimento, não precisam de semeiar, nem de colher ou de armazenar comida, pois o vosso Pai celestial é quem os sustenta.”

Volto 50 anos atrás. Ia passar o Natal no interior de Tupanciretã. Hoje nós só

conhecemos estrada de asfalto ou empedrada. Não então. A estrada estava lamaçenta, como toda estrada de interior, pois chovera muito. Os caminhões que tinham passado, deixaram dois grandes sulcos, no leito do caminho. Andar devagar era a solução. Naquele barro, em grandes passadas, o querido cruzou a estrada em busca da grama alta do outro lado. Esqueceu que as perninhos do seu filhote recém-nascido, vindo logo atrás, não eram feitas para tanto, e o pequenino ficou embretado em um dos trilhos, se aninhando no barro para esconder-se, sem poder

saltar da armadilha, no caminho da roda do meu auto que chegava.

Pariei: O filhote quieto. Não tinha escapatória; não conseguia subir a valleta. Na véspera de Natal, todos os humanos estão em bonança. Abri a porta do carro e saí para o lodo, afundando os pés na lama. Foi fácil pegar o filhote encolhidinho. Soltei-o na beira da estrada e ele desapareceu como um raio, a mãe atrás. Sapatos, meias e calças joguei no chão, imundos. Toda ação que fizemos, produzindo o bem para uma criatura de Deus, memorizaremos para sempre. Feliz Natal para todos!

Engenheiro de produção mecânica
ademir@produktion.com.br

Ademir Hansen



Indústria calçadista brasileira em xeque

Depois de transformar regiões em polos produtivos e gerar milhares de empregos, a indústria calçadista brasileira vive uma crise de adaptação: pressionada pela concorrência asiática e pela escassez de mão de obra, está numa encruzilhada — acelerar uma transformação profunda, ancorada em dados, automação e integração, para preservar e escalar as vantagens do modelo adotado pós-anos 90 (muita variedade, baixos volumes, resposta rápida) — ou vê-las se dissiparem.

É hora de converter fortalezas e aprendizados dos mercados nichados

moldados por esse arranjo competitivo em uma transformação digital real. Transformação digital não é ‘robotizar tudo’. É conectar e dar inteligência à cadeia de valor, do desenvolvimento ao pós-venda: acelerar a passagem do desenho à produção, monitorar a fábrica em tempo real com processos controlados, garantir qualidade e usar canais e serviços guiados por dados.

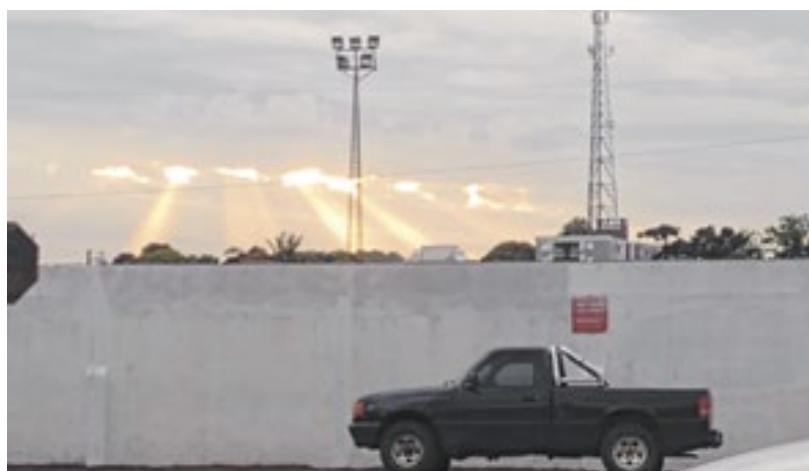
Para que tudo aconteça na prática, partimos de uma estratégia de manufatura clara, colocamos as pessoas no centro, integração ponta a ponta (sem ilhas) e capacitação contínua; com

alinhamento, processos mapeados e métricas de custo, prazo e qualidade, fábrica e cadeia de valor tornam-se previsíveis, conectadas e inteligentes — e a automação (IA, IoT, robôs) ocorre naturalmente onde há estabilidade e retorno comprovado.

Portanto, “nichar” já não basta. Automatizar sem integrar é desperdício. A agenda digital não é atalho mágico, e sim caminho factível. O futuro do calçado brasileiro será decidido pela capacidade de converter dados em decisão, decisão em execução, e execução em vantagem competitiva.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Um fim de tarde diferente no Centro de Igrejinha, no Vale do Paranhana.

Eduardo Vato
Igrejinha

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+

Mais artigos em
abcmais.com/
opiniao

Sociólogo, psicanalista e escritor
buonocorejcb@gmail.com

Osvino Toillier

Mestre em Educação
osvino@sinepe-rs.org.br



Natal é tu

“Natal é tu, quando renasces a cada novo dia. O enfeite de Natal é tu, quando teus dons são cores que adornam. O sino de Natal é tu, quando chamas, congregas e procuras unir. És também a luz do Natal quando simplificas e ajudas nas soluções.

O pinheiro de Natal é tu, quando resistes vigorosa aos atropelos e quedas da caminhada. O presépio de Natal é tu, quando te tornas pobre para doar-te a todas as pessoas. És tu o anjo do Natal quando cantas no mundo o amor, a paz e a alegria.

És, ainda, os pastores do Natal, quando segues a Jesus, aquele que tudo pode. A estrela de Natal é tu, quando conduzes alguém à procura do Senhor. És os reis magos, quando dás o que tens de melhor, não importa a quem. A ceia de Natal é tu, quando sacias de pão e esperança qualquer pobre a teu lado.

O cumprimento de Na-

tal é tu, quando perdoas e restabeleces a paz, ainda que sofras. A festa de Natal é tu, quando vives em comunhão com o próximo.

Tu és, sim, a noite feliz do Natal quando, humilde e consciente, mesmo sem símbolos e amparos, sorris de confiança e ternura, na realização de um Natal que estabelece o Reino do Senhor. Fiquem na Paz de Deus.”

Este texto é do P. Júlio Adam, meu colega de Novo Hamburgo, e cujas meditações lembro com muita saudade, hoje docente da Faculdades EST. Como estamos na época do Advento, é impossível não se deixar contaminar pelo espírito do Natal. O “Natal criança” está presente em nossa memória, celebrando o evento através do pinheirinho, até do Papai Noel, porém colocando o Menino Jesus no centro da celebração. A essência do Natal não mudou, e Jesus vem abençoar nossos lares.

Marli Blankenheim

Psicóloga
marliblanke@hotmail.com



A infância dos meninos

Olho para o menino na praia, talvez tenha 10 anos. Segura a mão da menina e cuida para que não molhe a roupa. Dedica-lhe toda a atenção enquanto ela brinca, construindo castelos de areia. Depois, a toma ao colo e deixa a praia com seu precioso compromisso.

Assombrada com os inúmeros casos de feminicídios e violências contra as mulheres, imagino como foi a infância desses homens. Que modelo que tiveram de pai e quantas vezes assistiram à violência e desrespeito com as mulheres de seu convívio. O ambiente familiar, onde predomina a agressividade, será determinante para que esses abusos sejam considerados normais.

Muitas vezes só a escola, na observação dos professores, poderá identificar o sofrimento psíquico que o aluno está passando. Por certo, os professores não darão conta de remediar

estes conflitos, mas com um suporte adequado de profissionais como assistentes sociais, psicólogos e palestrantes que abordem o tema, a tarefa se torne menos difícil.

Criar um espaço seguro de escuta pode ser o começo de uma intervenção no sentido de aprender sobre afeto, empatia e generosidade. Em muitas situações somente a escola oferece este lugar de acolhimento e encaminhamento para soluções mais objetivas.

Estou convicta de que a escola onde meninos e meninas convivem, aprendem e resolvem conflitos é o ambiente seguro e ideal para o exercício de uma cidadania, onde se respeite as diferenças e se priorize o bem comum.

A saudade das falas inesquecíveis de muitos alunos me inspira a escrever e ter esperança de que as novas gerações tornem-se homens sensíveis.